

# Sumário

---

Prefácio, 6

**1**

Professor professa, 11

**2**

Educação requer inclusão, 17

**3**

Saberes e afetos, 24

**4**

Formação – a forma e a ação, 32

**5**

Razão e intuição, 38

**6**

Autoavaliação e o outro, 44

**7**

A escola e os sentidos, 50

**8**

O ensino na era digital, 57

**9**

A pergunta como ponto de partida, 63

**10**

Educação e interação, 69

**11**

A diversidade nossa de cada dia, 74

**12**

Violência – presente!, 80

**13**

Troca entre pares, 91

**14**

Que tal um contrato ético?, 97

**15**

Valorização do professor, 102

**16**

Nós nos eternizamos, 110

Referências, 119

# Prefácio

---

## Vamos de mãos dadas

"Não serei o poeta de um mundo caduco.  
Também não cantarei o mundo futuro.  
Estou preso à vida e olho meus companheiros.  
Estão taciturnos mas nutrem grandes esperanças.  
Entre eles, considero a enorme realidade.  
O presente é tão grande, não nos afastemos.  
Não nos afastemos muito, vamos de mãos dadas."

Carlos Drummond de Andrade

**E**ra 1940 e um Drummond atônito, entre as duas guerras, poetizava no livro *O sentimento do mundo* sua inquietude. O nazifascismo trazia ódio, o individualismo afrontava a fraternidade e o pessimismo roubava a esperança. O poeta está preocupado. Trata-se de um mundo caduco, afinal. Estão taciturnos seus companheiros. Cruza ele os braços? Não. Vaticina outro mundo desde que saibamos o que fazer. Vamos de mãos dadas é a conclusão. Para isso, prestemos atenção ao presente, reconheçamos que ele é grande. Não, não nos afastemos muito. Vamos de mãos dadas! Os anos são outros. As duas guerras acabaram-se há muito. Há, entretanto, outras guerras. É preciso considerar a enorme realidade, é preciso estar atento à grandeza do presente. O que fazer hoje? Acreditar em Drummond. Vamos de mãos dadas!

Mas como fazer? Educar. É preciso educar para o caminhar de mãos dadas. É essa nossa essência. Somos seres da convivência. Nada somos sem o outro. Não teríamos chegado até aqui, se as mãos de tantos tivessem resolvido não cuidar de nós. O alimentar, o andar, o falar, o compreender. Os alguéns estavam lá. Estão cá. Sempre há alguém. É preciso apenas saber, sentir. De mãos dadas, precisam andar, também, a teoria e a prática.

É assim que vejo este livro da professora Emilia Cipriano Sanches. Seu texto é coerente com sua vida. Ela professa que somos reflexos de nossas crenças, impressas em nossas histórias de vida, nos nossos jeitos de ser no mundo. E que, exatamente por isso, nós nos eternizamos. Emilia tem uma brilhante carreira acadêmica, é uma cientista respeitada. Seu repertório, porém, não está dissociado de seu agir sensível, cotidiano. É ela dona de um sorriso que abraça. Ricas experiências sobre acolhimentos vão desfilando nas páginas deste livro *Saberes e afetos do ser professor*. Optou por compartilhar os desafios das tantas salas de aula em que exerceu e exerce o seu ofício. É professora e, por isso, pode dizer sobre a profissão com mais credibilidade. Sonha ela que um dia compreendamos o que outros países já compreenderam, o professor merece respeito!

Algumas histórias que ela narra, eu tive a honra de presenciar. Fui lendo e revivendo. Outras, já a ouvi contar.

E ela sabe como envolver. Como organizar uma roda de conversa. Como compreender os que demoram a compreender que, de mãos dadas, é sempre melhor. Amizade linda a nossa. Eternizada nos mais profundos sentimentos. Há muito que andamos de mãos dadas e, assim, haveremos de permanecer.

*Saberes e afetos do ser professor* é um livro para ler e para viver. Nesse presente tão grande, tão desafiador. Quando terminei a leitura, fiquei pensando no eternizar. Lembro-me de professores que se foram e, portanto, não foram. Estão eternizados em mim. Sei, com humildade, que já me eternizei em muitos alunos. Ouço isso sempre. E sempre me emociono. Que poder é esse que temos? O poder das mãos dadas. O poder da profissão que professa a crença no ser humano. Nos seus saberes libertadores, nos seus afetos necessários. Nunca tive medo de falar de amor na educação. O amor é o mais revolucionário dos sentimentos e ao mesmo tempo o mais serenizador. Saber que alguém nos ama ressignifica nossa vida.

Quando acordo e me preparo para dar uma aula, invariavelmente, eu agradeço. Que belo ofício. Semear esperanças, contribuir para a fraternidade, retirar coletivamente os véus da ignorância. Não podemos ignorar o que nos diminui e o que nos eleva, o que nos prende e o que nos garante o cumprimento de nossa vocação, a felicidade.

Conteúdo e forma, razão e emoção, juventude e maturidade, nada de dicotomias. É de mãos dadas que vamos, lembram?

Se aqueles tempos assustavam o poeta, temos, hoje, todas as razões para nos assustarmos. Mas é exatamente isso o que querem os que não compreendem. Os que ignoram a razão do existir, os que não leem na própria alma a diferença entre o amor e a perversidade. Compreendamos, sim, o presente, sem ingenuidades. Há outras guerras nos matando. Mas não fiquemos presos. Há mais. Há muito mais em um mundo em construção. Construamos, pois, educando, de mãos dadas.

### ***Gabriel Chalita***

*(Gosto da luz do outono e do seu significado, das folhas que partem para que as árvores sobrevivam, dos frutos que amadurecem, dos caminhantes que vão de mãos dadas.)*

# 1

## Professor professa

---

"Ensinamos aquilo que somos e, naquilo que somos,  
se encontra muito daquilo que ensinamos."

António Nóvoa



Uma das maiores contradições que nós, educadores, enfrentamos hoje é fazermos discursos em uma direção e as práticas irem em outra. Precisamos estar atentos a esse descompasso, já alertado pelo educador português António Nóvoa (2009) ao mencionar “a riqueza dos discursos e a pobreza das práticas”. Por questão de coerência, devemos sempre materializar na prática as teorias que verbalizamos.

Nóvoa preconiza que “ensinamos aquilo que somos”. Considero essa ideia fundamental neste ponto de partida, por ser determinante na trajetória de quem lida com educação.

E por que nós ensinamos aquilo que somos? Essencialmente porque somos reflexos de nossas crenças, que estão impressas em nossas histórias de vida, nos nossos jeitos de ser no mundo.

Aquilo que ensinamos é aquilo que já vivemos, a experiência que construímos. Qual é o maior patrimônio do educador? A própria jornada, a história construída ao longo de seu caminho.

Não é casual que o educador espanhol Jorge Larrosa Bondía chame a atenção para a palavra “experiência”, que é formada por ‘ex = externo’, ‘per = o que está em volta’ e ‘ên-cia = sabedoria’. Se a experiência é aspecto importante, vale observar que o propósito reveste a nossa ação o tempo todo.

Estou há mais de três décadas lidando com educação, e essa noção se consolida a cada dia. Minha experiência profissional tem início no campo da assistência social. Terminei o curso aos vinte anos de idade. Achei que sabia muito e, em 1980, fui trabalhar como diretora de creche na periferia de São Paulo. Fui recebida por um grupo de mulheres que haviam batalhado muito por creches naquela região. Quando eu cheguei, elas me deram uma olhada (todo mundo que se apresenta a um grupo passa por isso) e uma líder comunitária falou sem qualquer rodeio: “Gente, essa moça, com essa cara de burguesa, vai vir aqui amassar barro, trabalhar com gente pobre? Duvido!”

Naquele momento, tomei uma decisão que vem me acompanhando por toda minha trajetória. Em vez de responder: “Olhe, eu sou comprometida”, “eu quero fazer um trabalho de qualidade”, eu preferi fazer uma proposta:

“Vamos conviver?” Porque é na convivência que a gente se revela. Quer conhecer um educador? Vá para a sala de aula com ele.

Digo isso porque a aprendizagem é sempre um processo de aproximação, de troca de olhares, de relações que são construídas.

Três meses depois, a mesma líder encontrou-me. “Olhe, cara de burguesa você continua tendo, mas que você é comprometida com as crianças você é”. Ela deixou de olhar para minha aparência e começou a olhar para minha essência. Esse é um olhar que serve de referência para quem educa, sobretudo, pelo sentido que ele carrega. Precisamos olhar para a essência, do contrário, ficaremos somente com a imagem externa. Nosso olhar de educador necessita transcender a aparência.

Após esse episódio, ocorreu um fenômeno lindo. Vislumbrei que não poderia ser diretora de uma creche municipal sem ser professora. Decidi ingressar no curso de Pedagogia. E percebi que, lamentavelmente, essa nossa área muitas vezes ainda se distancia da realidade concreta das escolas. Na verdade, eu carregava a ideia de uma escola abstrata, de um aluno abstrato, em um contexto abstrato. Mas, no cotidiano, iria lidar com uma criança concreta, em uma situação concreta, com um professor concreto e com uma família concreta. Eram

muitos desafios pela frente, e concluí que era necessário ir além da formação de pedagoga. Para me aprofundar, resolvi fazer um mestrado em Psicologia da Educação e doutorado em Educação: Currículo. Nesse meio-tempo, ainda cursei três anos de Jornalismo, porque eu não acredito em comunicação quando não há interação. E não me refiro à interação de mídia, estou falando de comunicação interpessoal. Quem trabalha na área de educação precisa gostar de pessoas e precisa gostar de olhar para as pessoas. Também precisa gostar de enfrentar conflitos e contradições.

Um tempo depois, fiz pós-doutorado em Semiótica, porque já estava mais que internalizada em mim a noção de que só é ensinante quem é aprendente. Toda vez que falo em semiótica, eu me lembro de uma situação ocorrida em um evento em Salvador. Na ocasião, eu tratava do assunto e notei que uma moça passou a ficar inquieta:

- Minha querida, algum problema?
- Eu não sei o que é semiótica.
- Que maravilha! É ótimo você falar isso abertamente, porque a humildade intelectual é o princípio básico para quem quer ser educador.

Na realidade, toda vez que alguém faz cara de que sabe mesmo quando desconhece, perde a possibilidade de

ter acesso a um dado novo e ampliar seus horizontes. É a tal história: quem acha que já sabe tudo, no mínimo, está desinformado.

Expliquei que semiótica é uma área que trabalha os signos e os símbolos. E que, naquele espaço e naquela circunstância, havia vários símbolos e vários signos envolvidos: a organização do evento, o grupo que havia se preparado para aquele momento, as apresentações das pessoas, a forma como fomos acolhidos, as falas dos participantes. Todos esses aspectos haviam sido pensados e cada elemento em si carregava uma ideia. Nem tudo estava explicitado, mas certamente contribuía para compor aquela situação que estávamos vivendo. A importância de desenvolver essa capacidade de percepção reside no fato de o educador, o tempo todo, ler símbolos e significados. Como afirma o professor português Rui Canário: “O educador é produtor de sentidos”.

O que faz o professor? O próprio nome dá a dica: o professor professa. Isso significa que, quando professa, transmite valores, princípios; possui uma história de vida, uma construção ao longo de sua caminhada. E essa é uma profissão pautada nas relações, com a criança, com o jovem, com o adulto, com a comunidade, com os pares.

É essa diversidade que torna cada experiência única.  
Sigamos em frente!